

IN MEMORIAM.

Professor Emérito Nicolau Nazo *.

Antonio Chaves

Catedrático de Direito Civil e Professor de Teoria Geral do Direito Comparado e de Direito de Autor na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Na homenagem derradeira que, por honrosa determinação do Diretor desta Casa, prof. RUY BARBOSA NOGUEIRA me é dado prestar àquele que foi em vida NICOLAU NAZO, não me preocuparei em coligir dados biográficos ou bibliográficos, numa vida, aliás, cheia de realizações e afirmações.

Prefiro salientar duas notas fundamentais da sua personalidade: de um lado, o amor à família, a bondade e a afabilidade de seu trato, de outro, a sua operosidade, que sempre foi multifaria e persistente até o último momento.

NICOLAU NAZO, o homem, faleceu ontem. Mas, a bem dizer, começou a morrer na data em que sua companheira adorada, Georgette, desertou desta vida, tanto a queria, tão completa foi a harmonia do casal, jamais toldada por qualquer nuvem, tão grande foi o vazio que deixou em seu coração.

Apenas o afeto das filhas Jeanette e Georgette, nossa colega desta Casa, e de seus netos adorados Anubis e Aureo é que fez com que durante tantos anos resistisse a tão duro golpe.

Mas o lado afetivo da personalidade deste homem singular não se revelava apenas no trato com os familiares.

* Discurso proferido no salão nobre a 20 de novembro de 1974, em homenagem póstuma ao professor emérito Nicolau Nazo.

Sua lhanura, sua distinção transbordavam num sorriso sempre pronto, na gentileza e na atenção que dispensava a todos, pelo interesse que revelava por todos os assuntos, tornando-o colega preferido e professor amado.

O segundo aspecto que merece ser marcado é a pertinácia, a operosidade e o amor ao trabalho.

Nascido a 10 de setembro de 1895 em São Paulo, ao formar-se em 1926 já foi eleito orador de sua turma, permanecendo num dos escritórios mais movimentados de advocacia: o do dr. João Dente, que cumulava com intensa atividade jornalística, desenvolvida, sucessivamente, no Correio Paulistano, no Jornal do Comércio, em O Estado de S. Paulo, na Gazeta, tendo sido mesmo professor na Escola de Jornalismo Cásper Líbero.

Livre Docente de Direito Internacional Privado nesta Casa em 1953, escreveu obras valiosas nesta especialidade, conquistando, no mesmo ano, a Cátedra da Universidade Católica, com a tese: Objeto e Método do Direito Internacional Privado.

Novo concurso nesta Academia deu-lhe, finalmente, o galardão que mais almejava, a Cátedra de Direito Civil, que conquistou em 1959, o maior orgulho da sua existência.

Saudando-o, teve oportunidade de dizer o Prof. ALFREDO BUZAID:

“O professor não se improvisa. Nasce. Sua vocação se aperfeiçoa à custa de mil sacrifícios pessoais e da família. Há de recolher-se, desde a mocidade, ao gabinete de trabalho e viver nele como se fosse em um claustro. A sua grandeza intelectual depende da continuidade nos estudos e da perseverança na reflexão dos problemas da ciência a que se dedica, cultivando-a com o mais acendrado amor”

Tão verdadeiras e tão premonitórias foram essas palavras, tão perfeitamente se integrou NICOLAU NAZO na carreira que identificara com a sua própria vida, que foi no mesmo dia de sua aposentadoria que se manifestaram os primeiros ataques da moléstia que só muitos anos mais tarde haviam de dominar seu coração forte e generoso.

Longe de acatar a advertência, como fazem todos, procurando o merecido repouso, Nicolau Nazo respondeu-lhe com redobrada atividade, pois seu espírito, em constante ebulição, não se compadecia com a palavra descanso.

Depois de aposentado continuou lecionando nas Faculdades de Direito de Presidente Prudente, de Itu, e Católica, onde desempenhou o alto cargo de Coordenador Geral dos Cursos de Mestrado.

Na segunda-feira passada ainda aí ministrou sua derradeira aula. Recolhido o leito do hospital, nem assim dela se desligou. Insistindo com sua colega Tereza Alvim para obter notícias daquela Escola de Ensino teve a última grande satisfação da sua vida: saber que havia sido contratado por mais sete anos.

O contrato, em sua letra fria, não pode ser cumprido.

Mas com seu corpo ainda estendido à nossa frente, quem o pode imaginar, em espírito, com o sorriso franco e amigo de sempre pairando em seus lábios, com seus gestos tranquilos e serenos, senão desempenhando, no imaterial, por muito mais do que esse breve espaço de sete anos, as tarefas que tanto amou na vida?